

A importância da representatividade

Olhar no espelho e se reconhecer como você verdadeiramente é. Gostar de como você naturalmente é. Sentimentos que parecem simples, mas para muitas mulheres, por muitos anos, ocultos pela padronização imposta pela sociedade. Olhar livros, jornais, notícias, novelas e não se sentir representada. Aos 10 anos de idade, ainda na infância, no ano de 2007, em minha visão, cabelos lisos eram mais bonitos que os meus cachinhos. Desde então, a farmácia virou rotina e alisante mais um gasto da casa.

Nesta época, não há qualquer recordação de livros ou contação de histórias que falassem de cabelos crespos dentro da escola em que frequentava. Não se ouvia falar que uma menina de cabelo crespo era bonita. Era como se não existisse essa possibilidade. Cremes, produtos de cabelos, pentes, pranchas, secadores, todo o comércio voltado para cabelos lisos. Afinal, deste modo, o capitalismo operava com os padrões de beleza. Como não pensar na possibilidade, aos 10 anos, filha de mãe solo trabalhadora em ter um cabelo que para muitos era visto “como mais prático de manter”.

Foram mais de 10 anos ocultando a naturalidade dos fios de cabelo, quando deparei a transição capilar, já aos 22 anos, estava com o livro “Meu crespo é de rainha” de bell hooks nas mãos, editado pela Boitatá no ano de 2019. bell hooks foi uma grande escritora, ativista, educadora entre outras diversas qualificações. Em seus livros, construía debates voltados sobre feminismo, cultura, racismo, espiritualidade, gênero, política e inclusive sobre o amor. Uma mulher de muita potência,

conhecimento e resistência, que trás uma força para acreditarmos que é possível ter esperança de transformação. Infelizmente, faleceu no ano de 2021, mas deixa um imenso legado para todos nós.

Imagem 1: capa do livro *Meu crespo é de rainha*



Fonte: <<http://nacordabamba.com/2019/08/07/na-corda-bamba-na-travessa-meu-crespo-e-de-rainha/>>.

Na contramão do que foi a infância e adolescência, no período de transição capilar (fase em que se decide trazer o cabelo natural de volta, não o alisando mais) aconteceu uma aproximação às leituras infantojuvenis que trazem fortalecimento de identidade e reconhecimento. A escrita de bell hooks cumpre um papel fundamental nesta fase. Neste momento, também foi possível perceber a falta que fez não ter tido acesso a esse tipo de leitura dentro da escola, ao menos que fizesse refletir que não há nada de ruim em manter seu cabelo como ele é. Uma representação que fortalecesse nossa identidade. Essa reflexão feita com

Meu Crespo é de Rainha nas mãos. Um livro que trata da beleza dos cabelos crespos, seja ele como for e como estiver, estará lindo.

Mas para além da beleza, pensar na representatividade, visibilidade e espaço. Como diz Ana Paula Xongani (2019) sobre a leitura deste livro; "Com este livro em mãos, nossas crianças terão - muito mais cedo do que as da minha geração - mais ferramentas para reverter o processo histórico de invisibilidade. Percebi afeto e estímulo em cada palavra! E isso é transformador, é mágico!". É possível e necessário darmos espaços e contribuir com a possibilidade de transformação, onde possamos nos enxergar, nos reconhecer, através da leitura. Mas precisamos dar o pontapé inicial, trazendo essa discussão para os espaços onde frequentamos, levando estas leituras para as salas de aula e os deixando disponíveis, com verdadeiros passos de formiguinha na defesa do que acreditamos.

Em cada página, através da mistura das cores, onde podemos ver uma menina negra de cabelo crespo de várias formas, preso, aos ventos, de tranças, pro alto, pra baixo e que independente de como, seu crespo será de rainha, nos faz refletir sobre a beleza do cabelo crespo, sobre as possibilidades de fazer uma menina crespa acreditar na beleza do seu cabelo. Por muitos anos foi difícil acreditar que o cabelo natural era bonito. Com leitura, aceitação, estímulo e transformação interna foi possível compreender a beleza realmente. Por isso, compreendo este livro como fundamental para leitura individual e coletiva. Nas estantes das escolas, nas contações de histórias, nas rodas de conversas, no dia-a-dia das salas de aula, assim fazendo um movimento de mostrar que sim, nosso crespo é de rainha!

Referências:

HOOKS, bell. **Meu Crespo é de Rainha**. Boitatá. 2019.

Sobre a autora: Suellen Souza - Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista Voluntária no grupo de pesquisa 'Unidade de Educação Infantil Universitária: políticas e práticas para a infância'. Moradora do bairro de Cavalcanti, Zona Norte do Rio de Janeiro. Ativista e articuladora.